

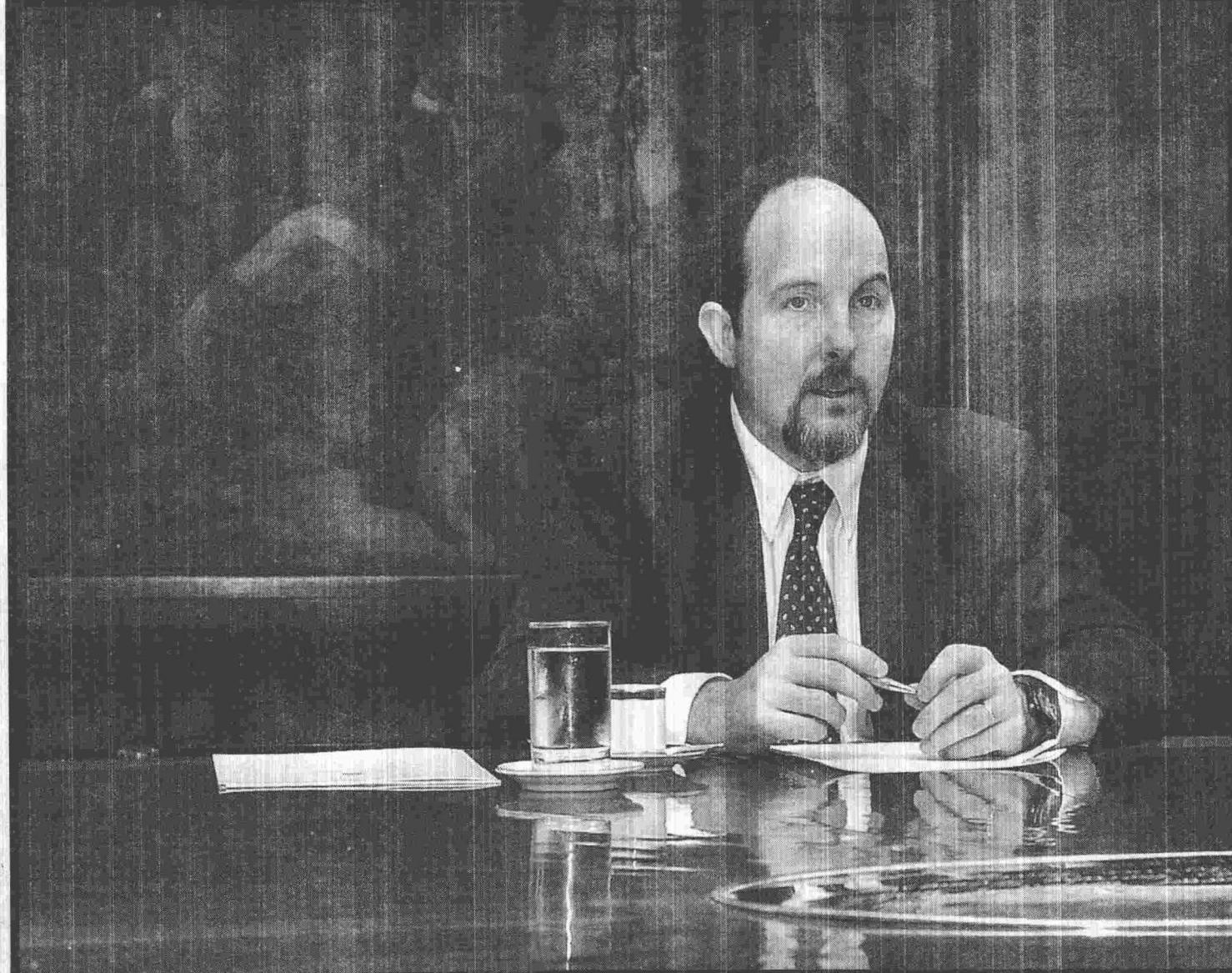
ECONOMIA - BRASIL

SUCESSÃO

Carta de Lula à Nação tenta responder aos anseios do mercado e mostrar que fragilidade econômica causou as turbulências que sacodem o Brasil e atormentam os investidores. Países emergentes sofrem com a fuga de capitais estrangeiros

Crise cai no colo do governo

Ali Burafi/AFP 15.01.02



ARMINIO FRAGA DESEMBARCA NA QUARTA-FEIRA NA EUROPA. ELE VAI CONVERSAR COM INVESTIDORES ESTRANGEIROS E TENTAR ACALMAR OS MERCADOS

Agora é com o governo. A carta-aberta à Nação divulgada no sábado pelo candidato do PT à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, assumindo os compromissos que o mercado financeiro pedia, caso eleito, vai deixar claro que a crise na qual o país está mergulhado é econômica e não política. Um problema da administração Fernando Henrique Cardoso. Essa foi a análise dos especialistas ouvidos ontem pelo Correio. Eles apostam na continuidade das turbulências que levaram o dólar ao preço recorde de R\$ 2,84, devido à percepção de que os indicadores econômicos não são positivos como prega a equipe chefiada pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan.

Segundo o economista Alexandre Fischer, sócio-diretor da RC Consultores, Lula, ainda que não convença plenamente o mercado — o que é compreensível, devido ao passado do PT —, disse aos eleitores que a atual política econômica vai continuar em seu eventual governo, pelo menos no primeiro ano de mandato. O superávit primário (receitas menos despesas, descontados os gastos com juros) de 3,75% do Produto Interno Bruto (PIB) no ano que vem, defendido pelo ministro Malan, será mantido. As metas de inflação, também. Lula garantiu, ainda, que honrará os contratos das dívidas interna e externa.

"Agora, pode-se descontar o peso das incertezas políticas na especulação do mercado, que vai continuar", destacou Fischer. "Os responsáveis pela disparada dos preços do dólar e a brutal desvalorização dos títulos da dívida externa brasileira são os integrantes da equipe econômica de Fernando Henrique. Só eles têm como melhorar o perfil da dívida pública, que conjuga, de forma explosiva, prazos curtos de vencimento e juros altos. O medo do calote está af", afirmou.

MEDO DOS EMERGENTES

Para o professor Carlos Thadeu de Freitas Gomes, do Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais (Ibmec), o fato de Lula ter se rendido à ditadura do mercado financeiro não o surpreendeu. "Faz parte do jogo político", frisou. Mas ele também destacou que não viu novedades

na carta do petista. "Lula reafirmou compromissos já assumidos em documentos anteriores do Instituto Cidadania, por exemplo", lembrou. "A carta de sábado teve o mérito de detalhar melhor as diretrizes econômicas de um possível governo do PT."

Thadeu, que já foi diretor da Dívida Pública do Banco Central, ressaltou que o próprio governo se deu conta, nos últimos dias, que as turbulências que sacodem o país têm pouco de componente político. "O Brasil e os demais países emergentes (*leia matéria na página 9 sobre a América Latina*) estão saindo da lista de preferência dos investidores, cada vez mais avessos ao risco", afirmou. O Brasil sofre mais por isso, porque optou pela dependência extrema do capital externo.

Neste ano, a continuar o fluxo atual de investimentos estrangeiros diretos, o país deverá receber pouco mais da metade dos US\$ 20 bilhões necessários

para financiar o rombo nas contas externas. Por ano, o Brasil precisa de US\$ 50 bilhões para cumprir todos os compromissos no exterior. É muito dinheiro num momento em que secam as fontes de financiamento. Os investidores também estão fugindo dos países emergentes porque já levaram calote de US\$ 125 bilhões de empresas privadas dos Estados Unidos desde o início de 2001. Ou seja, se nos EUA, onde o risco de perda é quase zero, está acontecendo isso, quem vai aplicar em títulos de empresas brasileiras? Até o fim do ano, o setor privado nacional terá dívidas vencendo de quase US\$ 17 bilhões.

Além disso, os investidores estão cada vez mais receosos quanto ao encurtamento dos prazos de vencimento da dívida interna, de quase R\$ 700 bilhões. Devido à desconfiança, o governo — que encampou o discurso do terrorismo político — está

concentrando os vencimentos para o fim deste ano e o início do próximo. A situação é tão crítica, que os especialistas já falam da volta do overnight, a pavilosa ciranda financeira existente até o início dos anos 90, em que a dívida era rolada no dia-a-dia.

CONVENCIMENTO

Essa política de encurtamento dos prazos da dívida, com juros altíssimos, está sendo conduzida pelo presidente do Banco Central, Arminio Fraga. Ele desembarcará depois de amanhã em Londres para uma conversa com investidores estrangeiros e autoridades financeiras. Na quinta e na sexta estará em Paris com a missão de convencer banqueiros e empresários que a economia brasileira mantém-se no mesmo curso.

Na opinião de Roberto Padovali, da Consultoria Tendências, a carta de Lula ajuda a amenizar o temor em relação a um

governo PT, que precisará mostrar unidade no discurso para convencer os investidores da seriedade de suas intenções. "A carta é um primeiro passo para despolitizar a crise. Mas o mercado ficará atento ao que o candidato e outros nomes de peso do PT dirão daqui para frente", afirma o consultor.

Alexandre Fischer, da RC Consultores, ressaltou que o PT perdeu uma boa oportunidade de fazer oposição ao governo de Fernando Henrique ao abraçar todos os princípios defendidos pela administração do PSDB. "Do ponto de vista eleitoral fica difícil entender o porquê de votar em um partido que se diz diferente, mas corrobora a política econômica de quem está no poder", disse Fischer. Segundo ele, o medo do PT de ser apontado como culpado pela atual crise do mercado financeiro tirou qualquer tom de crítica do discurso do candidato Lula.